

ESTUDOS CULTURAIS E CRÍTICA LITERÁRIA

CULTURAL STUDIES AND LITERARY CRITICISM

*Carlos Magno Gomes**

RESUMO: Este ensaio apresenta um debate sobre a importância dos estudos culturais como intersecção entre forma e conteúdo do texto literário. A partir da interdisciplinaridade dos estudos culturais, propomos uma leitura pautada na importância da politização da crítica literária por meio de abordagens híbridas em que estética e aspectos culturais sejam explorados como partes do texto literário. Neste debate, apontamos o hibridismo cultural como método interpretativo que aproxima diferentes fronteiras do texto, como nos ensinam Homi Bhabha, Silviano Santiago e Reinaldo Marques.

PALAVRAS-CHAVE: metodologia crítica, estudos culturais, hibridismo cultural.

ABSTRACT: This essay presents a discussion on the importance of the cultural studies as an intersection between form and content of literary texts. Taking as a starting point the interdisciplinarity of the cultural studies, it is proposed a reading based on the importance of the politicization of the literary criticism through hybrid approaches in which the aesthetic and the cultural aspects are understood as part of the literary text. In this debate, we highlight the cultural hybridism as an interpretative method which helps the process of approximating different boundaries of the text as can be verified in the studies of Homi Bhabha, Silviano Santiago and Reinaldo Marques.

KEYWORDS: critical methodology, cultural studies, cultural hybridism.

* Universidade Federal de Sergipe (UFS), Aracaju/SE. Professor Adjunto de Teoria Literária e Literaturas de Língua Portuguesa. Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Pós-doutor em Letras Vernáculas pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ). Email: calmag@bol.com.br.

ESTUDOS CULTURAIS E CRÍTICA LITERÁRIA

Considerações iniciais

Este ensaio apresenta uma proposta de crítica literária a partir de uma prática interdisciplinar na qual a fronteira literária é alargada pela necessidade de politização do papel do crítico. Tal abordagem retoma alguns conceitos de recepção literária a partir dos questionamentos dos Estudos Culturais em que os suplementos políticos como questões raciais, de classe, de gênero ou de sexualidade devem ser incluídos na análise literária. Dessa forma, defendemos a crítica cultural como uma análise híbrida em que os elementos estruturais do texto podem ser analisados como parte do contexto social.

Essa abordagem metodológica propõe um desafio, pois a incorporação dos conceitos dos Estudos Culturais pode se distanciar das especificidades do objeto literário, pois esses estudos apresentam uma formação discursiva heterogênea que não remete a uma origem única, já que comporta múltiplos discursos e diferentes histórias em conflito (MARQUES, 1999, p. 59). Diante desse desafio, a crítica literária tem experimentado propostas extremas, pois muitos defendem o fim da primazia da abordagem estética em nome de abordagens contemporâneas sobre os excluídos socialmente.

Em oposição a esse pensamento, há os que tentam manter o espaço hegemônico da literatura, como os defensores do cânone que restringem o objeto de análise literária apenas aos textos consagrados. Para esses defensores,

o crítico bem preparado deve trabalhar o texto literário por meio de diferentes abordagens estéticas cujos conceitos podem se transformar em ferramenta de trabalho (TODOROV, 2009, p. 41). Na contramão desse pensamento, as novas abordagens culturalistas tratam o objeto literário como mais uma das representações culturais e, como tal, é analisado menos por sua superioridade estética que por sua capacidade ideológica. Diante dessas divergências, optamos por uma abordagem híbrida em que nem questões formais e nem ideológicas podem ficar de fora de um método interdisciplinar.

Stuart Hall, falando a partir dos Estudos Culturais, defende que, ao decodificar uma mensagem, o leitor deve destotalizar os textos para retomá-los “dentro de um referencial alternativo” (2003, p. 402). Para Hall, essa é uma forma de leitura politizada em que os valores hegemônicos são colocados em questão. Ao questionar o hegemônico, o crítico literário inclui questões de pertencimento identitário, de diferença de raça, sexo, gênero ou de classe no roteiro de sua interpretação para identificar a camada ideológica do texto literário, visto que reconhece que “‘o quê’ e o ‘como’ nas representações das ‘coisas’, mesmo admitindo uma considerável liberdade individual, são circunscritos e socialmente regulados” (SAID, 1995, p. 120).

Grosso modo, os Estudos Culturais dão base para o questionamento da identidade hegemônica nas representações sociais e, sobretudo, para incluir a alteridade como parte da agenda de uma crítica literária contemporânea. Esse aprendizado dos Estudos Culturais constitui-se em uma ferramenta interpretativa do texto literário, pois o pertencimento identitário também sugere diferentes abordagens sobre exclusão, pois quando pertencemos a um grupo, excluímos outros. Isso porque, nas representações sociais, o pertencimento é opção ora pessoal, ora coletiva. Assim, o crítico precisa estar atento ao reconhecimento de outras vozes sociais presentes no texto, tanto as explícitas quanto as silenciadas.

Diante dessa perspectiva, cabe ao crítico fazer uma releitura dessas representações a partir da interseção entre o estético e o político, uma vez que a literatura é polissêmica e nunca é simplesmente mimética e transparente. Ela é um construto interdisciplinar que está além do binarismo estético/cultural, pois sua construção dá-se por meio de diferenças e de significações suplementares do autor e do leitor. Isso é possível pelo reconhecimento do diálogo entre literatura e outras áreas do conhecimento como semiótica, antropologia, sociologia, psicologia, história. Tal estratégia interdisciplinar constitui uma etapa mediadora entre os estudos literários e os culturais (MARQUES, 1999, p. 62).

Com a inclusão de alguns aspectos culturais, sabe-se que a literatura pode se tornar espaço de reflexão social propício para uma proposta de crítica cultural a partir de diversas inter-relações como: o texto e a sociedade, o presente e o passado, o imaginário individual e o coletivo. Portanto, o crítico tem muito a aprender com os ensinamentos ideológicos dos Estudos Culturais que reconhecem a arte como prática social. Além disso, o crítico cultural, quando se preocupa com seu papel social, passa a analisar a universalidade da arte com desconfiança.

Entre os diversos problemas que a crítica literária enfrenta destaca-se a fragmentação do cânone. Muitos críticos culturais orientam para o abandono do objeto literário por ser um construto extremamente marcado pelas ideologias dominantes. Para o crítico formado na tradição dos Estudos Culturais, cabe fazer diferentes abordagens literárias sem a pretensão de uma Literatura superior de “L” irremediavelmente maiúsculo, pois não se distinguem os textos clássicos de “meros poemas ou romances ou peças de teatro que não merecem entrar para o cânone” (CEVASCO, 2003, p. 147). Contrário a essa concepção, o crítico contemporâneo tem um alargamento do corpus por entender que antes de ser um objeto, a obra de arte é uma prática. Nesse sentido, a crítica cultural aponta uma saída para a teoria literária quando propõe que “ao fazer análise literária, os procedimentos dos estudos de cultura vão indagar as condições de possibilidades históricas e sociais de considerar esse tipo de composição como literatura, e vão observar as condições de uma prática” (CEVASCO, 2003, p. 149).

Assim, apesar de perigoso, reconhecer o potencial do texto literário como prática social reforça uma abordagem interdisciplinar que aponta para a mobilidade da crítica literária, para a identificação intersticial dos discursos e para a criação de um novo objeto sem fronteiras. Melhor dizendo, o texto literário passa a ser visto como um objeto atravessado por vários saberes para além de suas especificidades estéticas.

Nesse debate, Terry Eagleton, revendo sua polêmica afirmação de que o texto literário não tem especificidade própria, reconhece que, para quem estuda literatura, “algum essencialismo pode ser progressista” (2010, p. 220-221). Assim, para uma abordagem interdisciplinar, a literatura pode ser vista diferentemente de uma unidade ontológica, todavia não se pode esquecer que ela é uma herança cultural institucionalizada. Portanto, sem sua grande “coerência ontológica”, acredita-se que o conjunto de textos literários tenha “um grande poder prático e institucional” (EAGLETON, 2010, p. 221).

Logo, ao deslocar a crítica literária de lugar, os Estudos Culturais a expandem e propõem um lugar de produção de conhecimento de forma politizada.

1. No contexto brasileiro

Na trilha da crítica cultural brasileira, essa interdisciplinaridade é vista como um problema para os intelectuais que acreditam na dependência cultural, como nos ensina Antonio Candido. Para os que ressaltam o projeto antropofágico, entretanto, tal pluralidade é parte do projeto de renovação da crítica literária como propõe Silviano Santiago (2000) em seu consagrado ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”. Se a crítica cultural de princípio marxista se preocupava em ressaltar a dependência, as análises de Santiago, de formação pós-estruturalista, valorizam a autonomia antropofágica do escritor latino-americano.

Nessa tradição do questionamento da universalidade, Silviano Santiago tem construído uma crítica cultural influenciada pela carga suplementar dos textos e pela recepção crítica do escritor brasileiro. Essa postura de descentramento destaca que o lugar do crítico cultural na América Latina deve ser articulado das fronteiras de sua identidade. Com “O entre-lugar” do crítico, como de um receptor ativo, Santiago destaca que o crítico deve se preparar para questionar a tradição. Assim, o crítico politizado busca uma resposta ao processo de colonização, opondo-se ao processo de recepção passiva (SANTIAGO, 2000, p. 19).

Nessa proposta, o escritor passa a ser visto de um lugar de transgressão: “entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão” (SANTIAGO, 2000, p. 26). Com a identificação desse entre-lugar, o crítico pode explorar novas interpretações do texto literário. Além disso, Silviano Santiago assinala que o escritor latino-americano não é inocente, por isso está questionando de que lugar fala e como pode falar.

No mesmo caminho desse questionamento, os estudos literários ganharam mais mobilidade com as diferentes abordagens sobre a sexualidade e as questões étnico-raciais nas últimas décadas. Essa agenda de debate gira em torno de “questões de gênero e sexualidade, identidades nacionais, colonialismo e pós-colonialismo, raça e etnicidade, além da análise de objetos de estudo de campo, como manifestações artísticas e culturais das subculturas urbanas” (RESENDE, 2005, p. 256). Em tal proposta, a leitura cultural se volta para a problematização do conceito de literatura e suas frontei-

ras discursivas ao incluir o debate em torno das identidades como desafio para a nova crítica literária.

Seguindo essa reflexão, ressaltamos a importância da crítica cultural como caminho para a renovação dos estudos literários sem cair na simplificação da análise. Conforme Eagleton, a cultura pode ser vista tanto como aprofundamento do político quanto como esvaziamento do mesmo (2010, p. 230). Nesse sentido, devemos evitar uma crítica como um exercício simplista ou como um acúmulo teórico sobre a escrita. Assim, esta proposta passa pela problematização dos aportes estéticos na análise dos extratos culturais do texto literário.

Dessa forma, defende-se uma crítica literária interdisciplinar, na qual estética e política são entrelaçadas no processo de análise do texto. Como um recorte dessa abordagem, a proposta interdisciplinar dos Estudos Culturais pode ser explorada como um espaço de interseção da literatura quando se pensa no caso brasileiro. Seguindo as pegadas de Silviano Santiago, pode-se dizer que a literatura brasileira tem uma tradição anfíbia, pois tem caráter híbrido quando explora arte e política de um lugar demarcado, pois os “melhores livros apontam para a Arte, ao observar os princípios individualizantes, libertadores e rigorosos da vanguarda estética europeia, e ao mesmo tempo apontam para a Política” (SANTIAGO, 2004, p. 66).

Esse deslocamento cultural é fundamental para entendermos como o escritor brasileiro aponta seu olhar para as diversas transformações sociais que o país tem atravessado no decorrer da história. Nesse sentido, a crítica cultural pode se preocupar com a identificação desse engajamento, ao reconhecer que as lutas internas sempre estiveram na pauta do texto literário, uma vez que nosso escritor “busca dramatizar objetivamente a necessidade do resgate dos miseráveis a fim de elevá-los à condição de seres humanos” (SANTIAGO, 2004, p. 66). Com isso, a perspectiva da interdisciplinaridade aponta para a mobilidade do texto e para a identificação intersticial dos discursos estéticos e sociais. Daí, ressaltamos a proposta de uma crítica híbrida, na qual o artístico e o político não podem ser separados. Tal questão ideológica reconhece que há deslocamentos das “novas estruturas de autoridade, novas iniciativas políticas, que são inadequadamente compreendidas através do saber recebido” (BHABHA, 1996, p. 37).

Então, nas pegadas da interdisciplinaridade, essa forma de fazer crítica politizada está menos preocupada com a construção estética do texto do que com as representações sociais. Esse lugar alternativo é uma opção para os

estudos literários contemporâneos, visto que a análise requer sempre uma tradução do campo cultural. Assim, o diálogo e a oposição entre textos literários e culturais devem ser levados em conta na instauração de sentidos que a crítica produz, pois “nenhuma cultura é completa em si mesma, nenhuma cultura se encontra a rigor em plenitude” (BHABHA, 1996, p. 36). A partir de tal perspectiva, a crítica se torna mais eficiente quando passa a ser exercida como prática inclusiva e de reconhecimento da alteridade da diversidade nas representações culturais.

Para esse tipo de crítica, prioriza-se a questão de “como” os elementos culturais estão representados, uma vez que a literatura é uma forma de representação e, como tal, trata de produção dos ícones e dos símbolos, dos mitos e das metáforas culturais (BHABHA, 1996, p. 36). Tais heranças são fundamentais para explorarmos uma perspectiva comparativa entre o texto lido e o passado cultural incorporado tanto nos aspectos estéticos quanto na recorrência dos temas. Desse movimento híbrido, a crítica literária pode produzir uma experiência de análise voltada para os dilemas da sociedade brasileira contemporânea.

Nesse caso, o extrato cultural pode explorar melhor os sentidos do texto quando lidos de um lugar politizado. Assim, o crítico deve se colocar na contramão da cultura hegemônica para analisar grupos ideologicamente excluídos. Além de não privilegiar o prisma do sujeito universal, o crítico contemporâneo deve se voltar para as representações da diferença a partir do reconhecimento do que está em jogo. Com isso, ao deslocarmos o papel do crítico, pensamos em uma proposta de análise literária em que o hibridismo da linguagem literária seja reconhecido, pois “arte” e “política” não se dissociam no texto literário. Esse híbrido sempre foi visto como um fantasma para a literatura brasileira, pois, de um lado, a arte é vista apenas como conhecimento do mundo e do outro, como exercício de crítica social e de busca de um governo democrático e justo (SANTIAGO, 2004, p. 72).

Nesse sentido, a crítica cultural está respaldada pelo pluralismo democrático das abordagens culturais, como opção que se opõe ao universalismo que mascara interesses etnocêntricos para se preocupar com a outridão e com as diferenças do texto literário tanto no seu contexto de produção quanto no de recepção atual. Nesse espaço, há sempre conflitos, tensões que nos remetem para os limites da padronização. Por isso, o crítico cultural deve buscar a interpretação do texto literário como um construto social sem padrões fixos, visto que a cultura é “prática interpelante” e convite ao manu-

seio de vozes, de discursos, de representações próprias do jogo identidade/alteridade (BHABHA, 1996, p. 36). Nesse sentido, a concepção de que nenhuma cultura é completa em si, fortalece a necessidade da incorporação da diferença no processo de interpretação, pois a cultura é contraditória e não se pode identificar uma origem fixa, nem uma concepção plena, apesar de os grupos hegemônicos tentarem se colocar como tal.

A crítica literária pautada na diferença deve evitar o sentido alienante das representações hegemônicas e deve privilegiar o secundário, pois a cultura tem suas fronteiras e o para além dessas fronteiras. Assim, ler é traduzir e é deslocar os sentidos por meio de um processo de interpretação que reconhece o original como o simulacro e o reproduzido. Nesse sentido, cabe lembrar que também não podemos defender apenas a leitura cultural como prática do crítico literário, que quando valoriza apenas o viés cultural é também utópico, pois busca analisar a alteridade cultural como algo incomensurável. Por isso, a saída é o reconhecimento da hibridização como forma de abrir espaço para a alteridade. Tal lugar híbrido pode ser visto como um “terceiro espaço”, um local de fronteiras e de encontro de culturas (BHABHA, 1996, p. 36). A valorização desse espaço de identificação cultural e de ambivalência pode ser vista como um lugar de resistência crítica, pois ele nos projeta no entre a cultura e sua alteridade.

Assim, o deslocamento da crítica literária deve propor a diferença cultural como algo articulante e em movimento para não se perder em qualquer totalização. Por isso, a busca do outro não pode ser anárquica, nem fundamentalista, mas sim plural, aberta às interseções que essa tarefa requer e como propõem os Estudos Culturais britânicos. Além disso, ressaltamos o quanto a provisoriade dessa crítica, herdeira dos Estudos Culturais, com suas dúvidas e questionamentos, é indispensável para o crítico contemporâneo que se pauta pela interdisciplinaridade e pelo arejamento dos estudos literários a partir da “problematização e politização do termo cultura” (RESENDE, 2005, p. 248).

Portanto, uma metodologia interdisciplinar de crítica literária se projeta como análise de fronteiras atravessadas por vários saberes por meio dos quais o crítico literário contemporâneo é desinstalado de seus territórios e é convidado a atravessar essas fronteiras, por meio de uma mobilidade que dialoga com outros pressupostos teóricos e seus referenciais (MARQUES, 1999, p. 63). Isso se torna fundamental, pois o debate em torno de uma metodologia interdisciplinar pede uma postura politizada por parte do crítico.

Assim, estamos falando de uma prática interpretativa politizada que é consequência de uma pedagogia inclusiva, de uma pedagogia que privilegia o texto literário como prática social.

2. Por uma crítica cultural

Além dessa visão cultural, o crítico deve estar atento às especificidades do texto literário. Isto é, ele deve estar atento ao que o texto diz da sociedade, enquanto também se pergunta como o texto diz isso. Umberto Eco apresenta uma saída quando faz referência ao leitor semântico e ao leitor estético – respectivamente, aquele que observa o sentido do texto e aquele que vai além do que “foi narrado no texto” para valorizar “como foi narrado o texto” (2003, p. 208). Nas pegadas desse conceito, defende-se que o crítico cultural também se preocupe com a forma como o texto foi construído para não ficar preso à concepção ideológica. Nesta proposta, a crítica híbrida está no exercício de inclusão das questões de pertencimento identitário no roteiro de interpretação. Portanto, em diálogo com a proposta de Eco, privilegia-se o papel do crítico literário, só que agora preocupado com um exercício de comparações tanto artísticas quanto culturais, para uma intersecção da crítica literária proposta com as abordagens oriundas do campo cultural.

Como visto até aqui, os Estudos Culturais têm balançado as práticas tradicionais de crítica literária, pois o texto literário requer sempre uma tradução que proporcione diferentes abordagens de seus questionamentos. Daí a importância da memória cultural como elemento fundamental no processo de leitura e de revisão das identidades sociais. Assim, com a intersecção proporcionada pelos estudos culturais, abre-se a crítica literária para o debate sobre direitos humanos e cidadania a partir da “noção de política que se baseie em identidades políticas desiguais, não uniformes, múltiplas e *potencialmente antagônicas*” (BHABHA, 1996, p. 35). Portanto, ideologicamente, a importância dos aspectos sociais não pode ficar de fora da crítica literária atualizada.

Nesse sentido, uma das saídas é a inclusão do pertencimento identitário para tornar o texto literário mais móvel. Assim, a crítica literária passa a explorar diferentes abordagens das representações sociais que devem ser historicamente situadas, mas que, principalmente, devem ser comparadas e problematizadas com a recepção atual. Com isso, pensamos em uma crítica que explore essas contribuições politizadas para tornar a crítica literária um

ato social. Dessa forma, a crítica literária também pode proporcionar novas experiências para resgatar uma dimensão mais ampla da humanidade.

Com isso, a identificação do crítico parte de um movimento de aproximação com as causas sociais capaz de ressignificar o texto conforme os campos ideológicos em jogo. Para Homi Bhabha, a construção de sentido “é um processo de se identificar com e através de outro objeto, um objeto de alteridade, ponto no qual a ação de identificação – o sujeito – é ela mesma sempre ambivalente, por causa da intervenção dessa alteridade” (1996, p. 37). Assim, o crítico cultural deve estar preparado para o processo de identificações estéticas e sociais que nem sempre são harmoniosas no resultado da leitura, mas que são fundamentais para a atualização do texto literário.

Nessa proposta, a hibridez dos contatos culturais se mostra recurso indispensável para novas abordagens para os estudos literários, pois o diálogo e a oposição entre textos literários e culturais reconhecem seus limites tênues. Além de explorar o estatuto intercultural do texto literário, o crítico literário não pode “desconsiderar as experiências prévias e imagens de leitura e de literatura” que cada autor carrega (LAJOLO, 2005, p. 96). Assim, a exploração do conceito de hibridez do texto literário enquanto produto cultural proporciona um jogo de fronteiras entre o campo social e o artístico da obra. Em busca de uma atividade de crítica mais contemporânea, a saída passa a ser uma leitura menos hermética e menos emotiva para construir uma “prática de instauração de significados” (LAJOLO, 2005, p. 96-97).

Para esse tipo de crítica, vale mais a questão de “como” os elementos culturais estão representados, por isso torna-se fundamental a interpretação dos significantes como heranças culturais vistas como símbolos e metáforas coletivas. Tais heranças são fundamentais para que o crítico explore pela perspectiva comparativa entre o texto lido e o passado cultural, já que “cada obra cultural é a visão de um momento, e devemos justapor essa visão às várias revisões que ela gerou” (SAID, 1995, p. 105). Metodologicamente, o crítico cultural vai incluindo/excluindo posições de pertencimento identitário e de margens sociais para chegar a um ponto de referência de como as ideologias estão tensionadas na composição do texto literário.

Assim, além da questão ideológica, o crítico cultural passa a interpretar as representações sociais a partir dos códigos culturais e artísticos que foram usados para a construção do texto. Nesse processo interdisciplinar, o próprio conceito de crítico está em jogo, pois como uma identidade cultural ele também é “construído multiplamente ao longo dos discursos, prá-

ticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas” (HALL, 2000, p. 108). Vale lembrar que o crítico tradicional que busca a coerência apenas na estrutura narrativa pode ser visto como uma fantasia, já que os sistemas de significação de representação cultural se multiplicam e exigem do sujeito o confronto com a multiplicidade desconcertante de identidades possíveis, com as quais pode se identificar, apesar de temporariamente (HALL, 2000, p. 108).

Assim, cabe ao crítico cultural fazer uma releitura dessas representações a partir da intersecção entre o estético e o político, uma vez que a literatura é polissêmica e nunca é simplesmente mimética e transparente. O crítico cultural passa a ser visto como uma das partes do processo de construção de sentidos e, como tal, tem autonomia, mas nada para além do que o texto lhe sugere. Nessa dinâmica, “participam, em papéis, e perspectivas diferentes, todos os que, em dados contextos, interagem com o texto literário” (LAJOLO, 2005, p. 92). Dessa forma, o texto literário é, antes de qualquer leitura, um espaço plural, um espaço de confronto de linguagens e de memórias.

Portanto, o crítico cultural pode se especializar no projeto ideológico coletivo que cada obra literária carrega, seja de forma explícita, seja implícita. Nesse processo crítico, busca-se o além de uma posição passiva com a finalidade de incorporar uma posição inquieta e revisionária para transformar o ato de ler em um lugar de experiência e de aquisição de poder (BHABHA, 1998, p. 23). Assim, o crítico consciente das lutas feministas, raciais, de classe, entre outras, pode desfrutar de uma ressignificação de sentidos indispensável ao exercício democrático da crítica literária e deve ter a diferença como exercício de leitura.

A partir do reconhecimento dessas fronteiras e dessas diferenças identitárias e espaciais, o crítico pode melhor explorar as fronteiras de seu objeto de estudo. Para Bhabha, a diferença cultural “é um processo de significação através do qual afirmações da cultura ou sobre a cultura diferenciam, discriminam e autorizam a produção de campos de força, referência, aplicabilidade e capacidade” (1998, p. 63). Reconhecer essas tensões faz parte de uma crítica literária atual e híbrida que tem papel metacrítico de se pensar enquanto objeto discursivo e como posição social, como próprio dos textos metanarrativos, pois tem a capacidade de trazer uma reflexão sobre o que se está criticando, convidando o leitor a dividir suas posições discursivas (ECO, 2003, p. 199). Com tal especificidade, a crítica cultura pode ser vista como experiência de

leitura interdisciplinar de interseção da crítica literária tradicional com a que incorpora as propostas ideológicas dos Estudos Culturais.

Considerações finais

A partir de interseção entre o estético e o cultural, o crítico literário não pode deixar de fora de suas análises essas indagações que ressaltam a fragilidade do objeto analisado. Além dessa especificidade, ele deve estar atento à sua própria forma de se colocar no campo literário, pois a identidade surge da narrativização do eu e do processo de pertencimento, por isso, “em parte, construída na fantasia ou, ao menos, no interior de um campo fantasmático” (HALL, 2000, p. 109). No campo fantasístico da crítica, a identidade literária se confunde com a diversidade cultural e sugere que o embate entre o estético e o social pode ser visto como um campo de tensão frutífero para uma crítica literária contemporânea.

A partir desse reconhecimento fronteiriço entre o texto literário e o social, pode-se afirmar que a abordagem cultural politizada fragmenta o próprio resultado da crítica literária pelo fato de que “nenhuma leitura deveria generalizar a ponto de apagar a identidade de um texto, um autor ou um movimento particular. Da mesma forma, ela deveria admitir que o que era, ou parecia ser, certo para uma determinada obra ou autor pode ter se tornado discutível” (SAID, 1995, p. 105). Assim, a crítica cultural deve reconhecer que sua própria análise é apenas uma proposta de interpretação e só ganhará sentido no campo vasto da pesquisa acadêmica.

Pelo prisma interdisciplinar, tal proposta de produção de sentidos entende que o papel do crítico contemporâneo não é privilegiar o prisma do sujeito universal. Pelo contrário, defende o lugar de fala da diferença. Com uma crítica cultural politizada, identificamos a missão da pesquisa nos estudos literários: reconhecer a subjetividade do próprio fazer crítico, valorizando o vínculo entre as estruturas estéticas e as experiências que elas trazem como marcas de poder. Assim, esta proposta interdisciplinar deixa bem mais interessante o texto literário a partir da identificação do que fica nas margens, remetendo o crítico para fora da estrutura narrativa.

Dessa forma, a contribuição teórica dos estudos culturais só pode ser melhor explorada quando contextualizada a partir das especificidades do texto literário, pois o ato de identificação é ambivalente, por causa da intervenção da alteridade (BHABHA, 1996, p. 37). Assim, o crítico cultural deve estar preparado para o processo de identificação de vozes e de silêncios que

o texto carrega. Esses confrontos ideológicos, por não serem harmoniosos, merecem cuidado especial. Em tal proposta, o exercício da crítica passa a ser ativo e de construção de sentidos, pois o texto parte de “um momento anterior confuso – confusão de escrituras – pois os textos só falam significativamente a partir da inserção” (SANTIAGO, 2000, p. 208-209).

Portanto, como desafio dos Estudos Culturais, a crítica deve ter como horizonte ir além do meio acadêmico e precisa ter esperança de atingir a sociedade. Seu papel social deve ser insistentemente visado para evitar a crítica tecnocrata especializada e profissionalizada como algo apenas para a academia (EAGLETON, 2010, p. 221). Assim, o crítico contemporâneo está preocupado com o que se estuda e como se estuda ao voltar-se para desvendar as condições de produção da obra e tem como meta territórios a serem atravessados, cruzados e rasurados pelo conhecimento interdisciplinar (MARQUES, 1999, p. 67).

Diante do ponto de vista defendido, e retomado por várias vezes neste ensaio, a importância de relacionar literatura e realidade e cultura e sociedade faz parte de um projeto de valorização da crítica como ato de politização da interpretação, pois a cultura define o modo de vida de uma sociedade, enquanto a literatura está atrelada às representações sociais. Por isso, defendemos a crítica literária como prática de produção cultural que formula uma consciência social preocupada com a “emancipação cultural das massas” (EAGLETON, 2010, p. 342).

Assim, tanto a memória cultural quanto a recepção são abordadas como partes do processo de politização do crítico literário, que não pode deixar de lado a situação econômica brasileira e deve avançar nas análises “da burguesia econômica nos seus desacertos e injustiças seculares” (SANTIAGO, 2004, p. 66). Por fim, acreditamos que o crítico literário deve se comportar como um intelectual que mira adiante e se preocupa com o poder que circula na produção cultural.

Dessa forma, problemas sociais não podem ficar de fora da agenda do crítico contemporâneo consciente da hibridez do texto literário. Com esta proposta, ressaltamos a importância de uma crítica atualizada que acredita que “as verdadeiras tarefas do crítico ainda estão por vir” (EAGLETON, 2010, p. 343) e que a literatura proporciona novas experiências que trazem uma dimensão mais ampla da humanidade, pois, por ser densa e eloquente, a literatura amplia o universo social do homem e o convida “a imaginar outras maneiras de concebê-lo e organizá-lo” (TODOROV, 2009, p. 23).

Referências Bibliográficas

BHABHA, Homi. O terceiro espaço. *Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico nacional*, n. 24, 1996. p. 35-41. (Entrevista concedida a Jonathan Rutherford).

_____. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

CEVASCO, Maria Elisa. *Dez lições sobre estudos culturais*. São Paulo: Boitempo, 2003.

EAGLETON, Terry. *A tarefa do crítico: diálogos com Terry Eagleton*. Trad. Matheus Corrêa. São Paulo: Unesp, 2010.

ECO, Umberto. Ironia intertextual e níveis de leitura. In: _____. *Sobre literatura*. Trad. Eliana Aguiar. 2 ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. p. 199-218.

HALL, Stuart. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

_____. *Da diáspora – identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Gaurdia Resende et al. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

LAJOLO, Marisa. Leitura-literatura: mais do que uma rima, menos do que uma solução. In: ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (Org.). *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. São Paulo: Ática, 2005. p. 87-99.

MARQUES, Reinaldo. Literatura comparada e estudos culturais: diálogos interdisciplinares. In: CARVALHAL, T. Franco (Org.) *Culturas, contextos e discursos: limiares críticos do comparatismo*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.

RESENDE, Beatriz. Os estudos culturais e a política dos saberes. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae (Org.). *O pós-modernismo*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p. 245-259.

SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. Trad. Denise Bottamn. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

SANTIAGO, Silviano. *O cosmopolitismo do pobre: crítica literária e crítica cultural*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: _____. *Uma literatura nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 9-26.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Trad. Caio Meira. Rio de Janeiro: Difel, 2009.

Recebido em 14 de março de 2011
Aceito em 05 de maio de 2011